

SOBRE A RETIDÃO

Antonio Candido

No meu tempo de moço, usava-se a palavra "anarquista" como hoje se usa "subversivo", isto é, para designar de maneira pejorativa as pessoas e os atos que questionam a ordem social. Os sentidos próprios eram raros nos ambientes de classe média, salvo circunstâncias peculiares.

Na nossa casa, por exemplo, apesar de seu feitio convencional, as coisas se passavam de maneira algo diversa, porque meu pai tinha um tio anarquista, excêntrico e inventivo, que eu nunca vi e do qual ele contava histórias divertidas. Mas acho que esse tio, chamado paradoxalmente Teófilo, nunca foi além do reino das idéias e das declarações, ao contrário de um primo de meu avô por aliança (padrasto de minha mãe), o combativo jornalista radical Nereu Rangel Pestana, tido na família como anarquista e de fato simpático ao movimento. Ele entrou bravamente em muitas lutas e desmascarou as classes dirigentes num livro terrível, A oligarquia paulista, sob o pseudônimo de Ivan Subirof. Depois da Revolução Russa, aproximou-se do comunismo e participou do grupo Clartê brasileiro.

Um anarquista lírico era o poeta Martins Fontes, amigo e colega de meu pai, que ali por 1934 vi na nossa casa, em Poços de Caldas, gabando a doutrina com exuberância tropical. Num ato de aliciamento, deu para minha mãe ler O anarquismo, de Kropotkin, em cuja folha de guarda ele havia escrito uma quadra louvando o grande revolucionário. Era a recente edição da Unitas, de capa preta e amarela; lembro que minha mãe leu e comentou com simpatia.

Esta simpatia tinha alguma coisa a ver com o seu temperamento avesso à obediência; talvez ela encontrasse, neste e outros textos, certa esperança utópica de insubmissão institucionalizada. Basta dizer que uma das suas citações prediletas era a frase de Diderot que os anarquistas subscreveriam: "*La nature n'a fait ni maître, ni serviteur; je ne veux ni donner, ni recevoir des ordres*".

Mas havia outro motivo para esta boa vontade em relação à doutrina que no consenso da maioria era a própria expressão da bagunça: a amizade afetuosa e a convivência quase diária de sua queridíssima Dona Teresina Carini Rocchi, socialista ardorosa muito simpática ao anarquismo, que, segundo ela, era em princípio a posição mais coerente e avançada. Morava perto de nós, e na sua casa meus pais conheceram Edgard Leuenroth, que os encantou pela delicadeza, dignidade e firmeza de convicções.

Também através dela conhecemos outro velho militante anarquista, com

quem teve muito contacto: o áspero Adelino Tavares de Pinho, que depois duma vida agitada foi parar em Poços de Caldas, onde vivia mais do que pobremente de uma escolinha para filhos de trabalhadores. Era português e creio que nos anos de 1950 voltou à pátria, para morrer.

Edgard Leuenroth me contou que Pinho fora motorneiro, e analfabeto até a idade adulta. Instruindo-se por conta própria, graças à intensa paixão cultural dos meios anarquistas, tornou-se relativamente bem informado, como se vê pelos numerosos artigos e alguns folhetos que escreveu. Escrevendo e falando, era violento, intransigente e apaixonado. Considerava o marxismo uma palhada totalitária e admirava sobretudo os racionalistas e evolucionistas do século XIX. Em Campinas, onde militava, atuou na famosa greve da Companhia Paulista (1906).

Através dele pude sentir a extraordinária fidelidade dos anarquistas da quele tempo às suas convicções; a tenacidade com que as defendiam pela vida afora, mantendo elevada a temperatura da paixão libertária. E também a retidão com que viviam, - honestíssimos, puritanos, achando que os valores morais eram requisitos da revolução social e abominando o maquiavelismo da vida política.

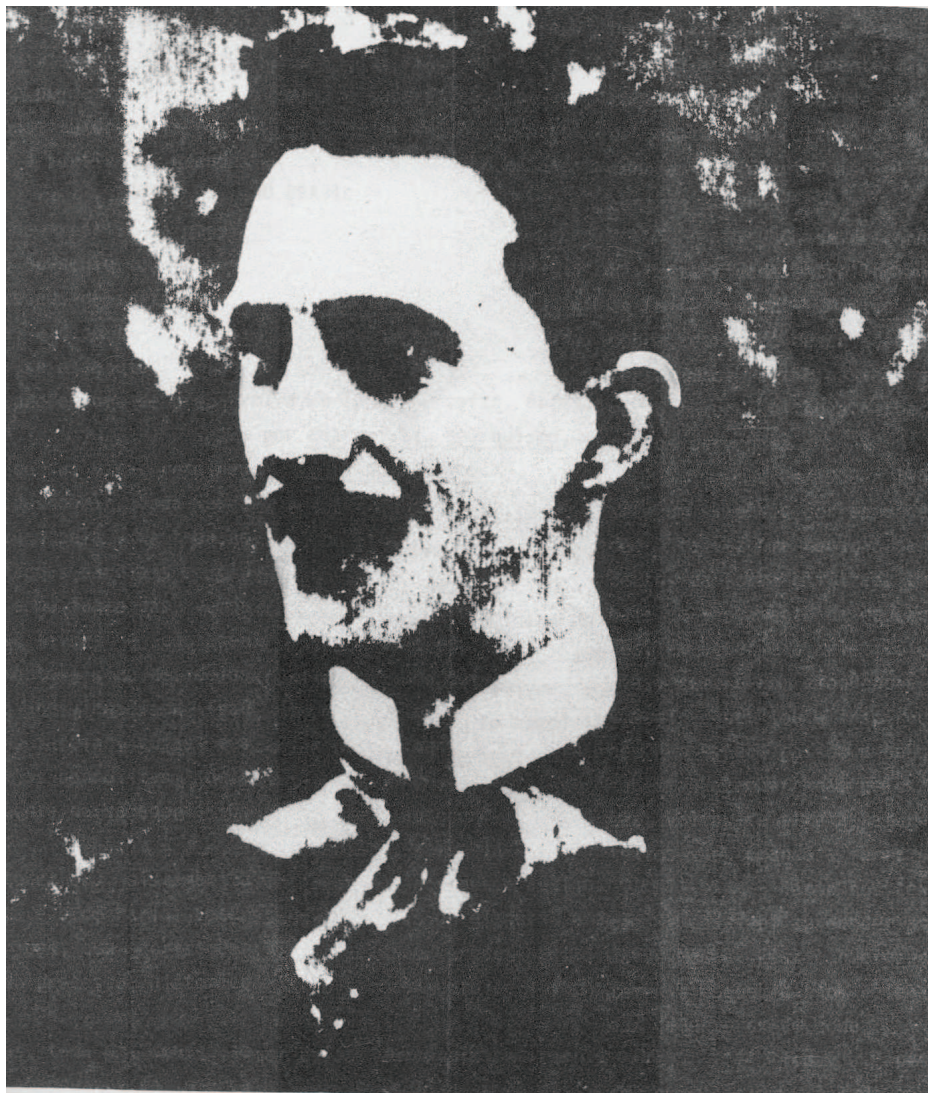
Esta integridade, temperada de muita candura, se traduzia inclusive pela sinceridade em todas as circunstâncias; e isto me faz lembrar um episódio de que participei.

A partir de 1946 a "guerra fria" motivou nos países subordinados aos Estados Unidos a caça aos comunistas. Por extensão, o aumento da repressão aos movimentos populares em geral. No Brasil, o Partido Comunista, depois de breve legalidade, foi fechado em 1947, com toda a sorte de violências paralelas. Inclusive restrição ou interdição de manifestações públicas que não agradassem ao governo. De modo que no 19 de maio só o trabalhismo oficial pôde aparecer.

Nós, do Partido Socialista Brasileiro, que geralmente nos reuníamos a outras organizações para encorpar as atividades deste tipo, ficamos sós. Não tendo capacidade de mobilização suficiente para furar o cerco por conta própria, fizemos o que era possível: reuniões em nossa sede do Brás.

Numa delas, 47 ou 48, o presidente do ato anunciou que via com prazer na assistência o companheiro Edgard Leuenroth, e lhe deu as boas vindas.

Saudado por uma salva de palmas, Edgard se levantou, vibrante e risoso, com a sua franzina silhueta de uma distinção rara, e agradeceu. Disse que, como revolucionário, não quisera ficar em casa no 19 de maio; e verificara que só no Partido Socialista poderia comemorá-lo dignamente; por isso estava ali. No entanto, era de ver de honestidade declarar que discordava essencialmente dos companheiros socialistas. Na qualidade de libertário, rejeitava a própria idéia de partido, assim como a luta para participar de organismos do Estado, do qual preconizava, não a transformação, mas a abolição. Com serenidade calorosa, foi assim expondo as suas posições para justificar as divergências; e concluiu que, apesar destas, sentia-se bem entre os companheiros socialistas, aos quais agradecia a hospitalidade, que lhe permitira comemorar a data maior em que os trabalhadores afirmam os seus ideais e o seu ânimo de luta



Edgard Leuenroth, diretor de A Plebe e grande batalhador da causa anarquista no Brasil (AEL)